

**Resenha de *Un desierto para la nación. La escritura del vacío*
de Fermín A. Rodríguez. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2010.**

Foi apenas quando avançava na estrada em direção à província argentina de Chubut, após deixar La Pampa, que obtive uma leve sensação do que queria dizer *el desierto*: o monstro devorador, o antípoda da civilização, o lar dos selvagens. A ideia da ausência, do vazio, seja na literatura, nos relatos parlamentares, nos projetos políticos do século XIX sempre foi uma presença forte nas representações sobre as regiões que não foram tornadas cidade, latifúndio ou rotas de comércio. Imensos espaços em branco no mapa, a natureza indomesticada, a *physis*.

No entanto, e desconcertantemente, o deserto “era” alguma coisa. Mas o que “era” esse deserto foi pergunta calada durante muito tempo para o saber institucionalizado. Em termos materiais, hoje, o deserto é transformado em *sojeiro*. No campo simbólico, do qual trataremos mais de perto, desde finais dos anos 1990, verificamos tentativas, incipientes, porém extremamente atraentes, do universo acadêmico e do campo literário, de dar voz ao silêncio, de dar corpo ao vazio e humanidade à vida no “deserto”. A história completa sua volta, e o deserto torna-se, novamente, espaço de conquista.

O livro do professor de literatura latino-americana da Universidade do Estado de São Francisco/EUA, Fermín Adrian Rodríguez, *Un desierto para la nación: la escritura del vacío*, cumpre com êxito, ao lado de outras recentes importantes investidas da história¹, o papel de entrar e sair do deserto, reescrevendo mapas e histórias, com linhas e legendas que dão vida dinâmica e autônoma a atores sociais inertes até então. Como argumento central, o autor sustenta a história de “un o varios países coexistiendo en un espacio abierto y sin medidas; un mundo repleto de vidas que no se identifican ni con el Estado ni con el mercado” (p.247), negando, portanto, o topos do vazio como um dado, como uma história a contar do zero. Assim, seu estudo pode ser encarado como um compromisso político, assumido diante de “una pampa reconvertida en una enorme aceitera”(p.19).

O título do livro é uma referência imediata ao clássico de Túlio Halperín Donghi *Una nación para el desierto argentino*², no qual o historiador realiza uma leitura crítica dos projetos elaborados por intelectuais argentinos, ao longo do século XIX, em disputa sobre a

¹ FUENTE, Ariel de la. *Hijos de Facundo*. Buenos Aires: Prometeo, 2007.

² DONGHI, Túlio Halperín. *Una nación para el desierto argentino*. Buenos Aires: Prometeo, 2005.

unidade e configuração do Estado. Ali, no entanto, e como foi praxe na tradição acadêmica daquele país, o deserto não tinha lugar numa história que se desenrolava desde Buenos Aires em direção à formação do Estado, senão como empecilho, desvio ou utopia: “antes de nosotros nada, ante nosotros nada” (p.214), proclamava Esteban Echeverría no Salão Literário de 1837.

Existiria, então, para Fermín Rodríguez, em estado de latência, um universo a ser investigado e animado: uma história argentina das gentes e dos espaços das províncias e dos desertos para além de Buenos Aires. Uma narrativa, recuperada com brilhantismo aqui e que deve sua primeira existência à ficção, aos relatos de viagem, aos estudos científicos e relatórios econômicos do século XIX – mas sempre como coadjuvante.

Os capítulos apresentam personagens e temas como fios condutores da narrativa sobre o deserto. Passando por Alexander Humboldt, Charles Darwin, William Hudson, Domingo F. Sarmiento, Juan M. de Rosas e “naturalistas nacionais”, chegamos a temas como “fronteira”, “índios”, “guerra” e “paisaje”, nos quais são analisadas, em distintas camadas e matizes, a fundação e configuração do discurso sobre o deserto. O autor verifica como o domínio cartográfico, a exploração econômica e o gozo estético da paisagem operam como mecanismos de institucionalização, racionalização e controle simbólico da vida. Nesse sentido, o estudo de Rodríguez é uma importante contribuição para o debate sobre a conformação da modernidade argentina e latino-americana.

No interior dos capítulos, o autor cria espaços, chamados de “desvios”, nos quais estabelece um diálogo entre a história, a sociologia, a antropologia e a literatura. Borges, Saer, Aira, Sarmiento, Mansilla fazem as vezes como comentadores ou observadores de algum tema ou aspecto que está sendo discutido naquele capítulo. Esses interlúdios são espaços de maior liberdade criativa, nos quais a ficção é chamada em auxílio aos textos científicos para produção de um entendimento polissêmico sobre o deserto.

Fermín Rodríguez preocupa-se, seguindo Michel Foucault em *A ordem do discurso*, em observar, nos diferentes momentos históricos e campos de conhecimento, os embates que envolvem o controle da escrita e dos *topoi*, por um determinado cânone ou paradigma, diante das experiências produzidas nos e através dos sujeitos em contato com o deserto. A tentativa de controle do discurso sobre a terra, a natureza, os indígenas, os *gauchos*, a história e o futuro são vistos como processos de subjetivação e objetivação, que apontariam para dois

caminhos de análise: a) repetição de imagens que povoaram o imaginário, antes mesmo de esse ser explorado, e elisão de elementos estranhos que não se encaixassem nessas prescrições; e b) a identificação e a exploração de experiências que fogem a esse controle.

Se o primeiro caminho é mais conhecido através do discurso oficial (Rosas, Sarmiento, Roca), da historiografia tradicional (Oszlak³ e Halperín Donghi⁴) e da literatura canônica (José Hernandez, Estanislao Zeballos), o livro do professor Rodríguez ganha ainda mais atrativos, ao privilegiar o segundo caminho: as experiências irreduzíveis à força taxonômica da ciência, da burocracia e do capital. O interesse do autor reside, como dito antes, no que o deserto “era”, em sua forma positiva, nas formas de vida e representação próprias daquele espaço múltiplo não-ocidentalizado.

Humboldt, primeiro viajante que acompanhamos durante a leitura, apresentou a América do Sul como uma natureza intacta. Seu livro *Estepes e desertos* “*fue el primer umbral que escritores y lectores viajeros, criollos y europeos, debieron atravesar para poder hablar de las llanuras interiores del Río de la Plata*” (p.47). Em fins do século XIX, o naturalista William H. Hudson utilizaria a metáfora das lentes de óculos (europeias), que tornariam a luz e realidade sul-americanas mais reais e próprias para o consumo do público europeu e *criollo*.

O escritor Juan José Saer é mobilizado por Rodríguez em um dos “*desvíos*” e serve de estopim para a reflexão sobre a fundação de um discurso europeu sobre a América, que marca fortemente uma determinada⁵ interpretação do modernismo latino-americano. Em *El entenado*, Saer nos apresenta o único sobrevivente de uma expedição do século XVI, que nos fala de um fidalgo que ao chegar a América, diante de sua tripulação, desembainha a espada para lançar o grito fundacional: “Tierra es esta sin...”. Nesse justo momento, uma flecha lhe traspasa a garganta, deixando em suspenso as proféticas palavras. Segundo o autor, essa imagem manifestaria “un orden de enunciados que introdujo el negativo en América” (p.24), uma afirmação da falta e da dessemelhança arraigada nas ciências humanas voltadas para América Latina, que levaria a uma incapacidade de constituir uma representação positiva de sua história, senão pela ficção.

³ OSZLAK, Oscar. *La formación del Estado Argentino*. Buenos Aires: Planeta, 1997.

⁴ DONGHI, Túlío Halperín. *Una nación para el desierto argentino*. Buenos Aires: Prometeo, 2005.

⁵ Cf. o polêmico artigo de Roberto Schwarz, As ideias fora do lugar, in: *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 2000. Para apreciação do debate, ver: PALTÍ, Elias. *El tiempo de la política*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007, especialmente o apêndice “lugares y no lugares de las ideas en América Latina”.

Fazendo o caminho do deserto para o mundo, Rodríguez trabalha as tensões constitutivas da relação entre campo e cidade, entre civilização e barbárie. A referência ao *Facundo*⁶, de Sarmiento, não está apenas nos binômios, mas fundamentalmente no reconhecimento de que “no hay tanto una oposición como un movimiento de circulación incesante que (...) ronda los saberes, los poderes y las creencias” (p.65). Desse ponto de vista, o deserto entraria na história como um elemento que sempre esteve ali, embora, devido aos óculos de Hudson, não fosse enxergado.

A vida no deserto emerge com força, quando nos damos conta, por exemplo, de que a quebra do sistema colonial rompeu os equilíbrios políticos e econômicos locais, gerando uma disputa entre grupos rivais que envolvem camponeses, indígenas, proprietários, funcionários pelo controle desses espaços, criando “dificuldades” para a consolidação do Estado nacional⁷.

Ao avançar na leitura da obra, o vazio, o espaço em branco, já não se mostra com tanta comodidade. Charles Darwin, leitor de Humboldt, depois de passar pelo Brasil, nota que os pampas argentinos são decepcionantes. Essa passagem, muito repetida pelos comentadores, ganha uma nova leitura de Rodríguez, inspirada em Gilles Deleuze, segundo a qual “todo lo que se expresa negativamente mediante palabras tales como ‘nada’ o ‘el vacío’, no es tanto pensamiento como afecto (...) Lo negativo tiende no hacia el representado sino hacia alguien que, sobre el fondo de una afirmación posible, esperaba otra cosa” (p.71).

Darwin, conforme sugere Rodríguez, apresenta outra fronteira para o ocidente: o corpo do viajante. A experiência encontra um limite relacional no corpo e na palavra do outro, dos gaúchos e indígenas que servem de guias que acompanham europeus e *criollos*. O murmúrio anônimo e permanente de informações, distâncias, nomes de coisas e lugares, anedotas que “hacen lugar, en el sentido de que dan a ver lo que para el extranjero sería de otro modo invisible e ilegible, por debajo de su umbral de reconocimiento y representación” (p.75). Darwin, apesar de citar muitos povos que encontra pelo seu caminho e travar contato com muitos deles, insiste na ausência de vida e no nome “deserto” para qualificar o espaço.

A decepção e o vazio apontados pela razão convergem no exemplo exposto em *Facundo*, no embate entre o *baqueano* e a bússula, metáfora para a intuição, o corpo, o

⁶ *Facundo*. Civilização e barbárie. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1977.

⁷ Mas de onde vêm essas pessoas e quais interesses elas nutrem? A resposta a fundo a essa pergunta anima outro interessantíssimo e recente trabalho citado acima de Ariel de la Fuente, que, no mesmo caminho de Fermín Rodríguez, contribui com a recente historiografia, para dar contornos, nomes e corpos autônomos ao mundo do deserto.

imane a lei, a instituição, o abstrato; trata-se do ente da *campaña*, o saber do singular que flui por sob a disciplinarização da ciência, as planificações do Estado e as regularidades comerciais. A elegante, simples e contundente conclusão de Rodríguez, já pressentida na abertura da obra, implica em que, para além de todo esforço de classificação, codificação e controle dos agentes da racionalidade civilizatória, “no hay mapa sino del singular... porque se trata de la existencia, no de la razón” (p.201).

Na passagem dos anos 1880 para 1890, já não há mais a se conhecer, e a empresa imperialista volta-se para a observação desapassionada, desencantada, da natureza. Na esteira da análise de Joseph Conrad, em *An anarchist*, de 1907, em outro interlúdio, o professor de literatura latino-americana não perde de vista a rede material em que se encontra o deserto: “entre el gesto del degüello fríamente calculado por el matarife y la naturaleza muerta para su estudio funciona una economía imperial que se alimenta de cuerpos y de signos producidos para un consumidor urbano que traga por la boca y por los ojos” (p.125). Trunfo de Rodríguez, o estilo e fluidez do texto garantem o prazer da leitura, na medida em que avançam penetrantes interpretações do processo histórico de apropriação do deserto.

O ensaio de Fermín Rodríguez perfaz seu trajeto crítico e encerra-se numa metalinguagem que não escapa à própria ironia. Argentino que escreve do coração do império, que entra no labirinto para trocar as chaves de leitura, que nega a oposição fácil entre cópia e originalidade, centro-periferia – sem esquecer os *pormenores* do capitalismo. Das promessas e potencialidades do deserto, o autor levanta as perguntas que margeiam seu estudo:

¿hay algún futuro en nuestro pasado más remoto, hoy que brotes de soya y de nacionalismo reaccionario emergen del suelo y se actualizan al costado de la ruta, en una pampa convertida en enorme aceitera? Las villas miseria son los nuevos blancos en el mapa, los nuevos mundos ‘sin historia’ poblados de forma desconocida de vida comunitaria, mientras que el desierto crece en los intersticios de campos que se sojizan aceleradamente a costa del desplazamiento, cuando no del desalojo, de comunidades rurales enteras forzadas a arrendar sus tierras a *pooles* de siembra multinacionales. (p.19)

Referências Bibliográficas

- COSTA LIMA, Luiz. *Terra ignota*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
 DELEUZE, Gilles. *Kafka, por una literatura menor*. México d.f.: FCE, 1978.
 FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2001.
 GOLDMAN, Noemí; SALVATORE, Ricardo. *Caudillismos rioplatenses*. Buenos Aires: Eudeba, 1998.